

DOCE LEITE ROMÂNTICO: A PRESENÇA DE VICTOR HUGO NAS CRÔNICAS DE MACHADO DE ASSIS

Daniela Mantarro CALLIPO*

RESUMO: Victor Hugo foi o autor mais citado por Machado de Assis em suas crônicas e teve grande importância na construção de seu patrimônio cultural, deixando em sua obra marcas profundas. O autor de *Dom Casmurro* leu a obra de Victor Hugo, admirou-a, memorizou-a e, quando jovem, tentou seguir os ideais do poeta francês acerca da função da poesia e do teatro. Essa admiração, entretanto, nunca foi cega, pois ele condenou os excessos da escola hugoísta liderada por Sílvio Romero, bem como alguns textos de péssimo gosto publicados pelo criador de Quasímodo. Igualmente, soube olhar para Victor Hugo com olhos críticos, retirando de sua obra somente os aspectos que poderiam beneficiar o seu amadurecimento como escritor. No caso de Machado de Assis, a presença estrangeira era utilizada em benefício de seu próprio texto, graças ao estabelecimento de uma prática intertextual renovadora. É forçoso observar que a maciça presença de Victor Hugo nas crônicas machadianas contrasta com uma presença tímida ou quase inexistente em seus contos, poemas, peças e romances. Este artigo pretende estabelecer uma hipótese para tal contraste, por meio da análise dos textos jornalísticos publicados por Machado de Assis.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica machadiana. Victor Hugo. Romantismo.

Sabe-se que Victor Hugo (1802-1885) foi um renomado poeta, romancista e dramaturgo do século XIX. Por ter vivido 83 anos e produzido incansavelmente durante toda a sua existência, tornou-se um dos maiores escritores do Oitocentos. Sua obra foi lida, traduzida e adaptada em diversos países e ele conheceu a glória ainda em vida, sendo homenageado, por diversas vezes, por sua atuação nas

* UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Departamento de Letras Modernas. Assis - São Paulo- Brasil. 19800-000 - danielacallipo@gmail.com

Letras e na política. Como viveu muito e produziu durante toda a vida, Victor Hugo pôde ser discutido e criticado por várias gerações de escritores brasileiros, tornando-se uma figura marcante na história da nossa literatura. Para Carneiro Leão (1960, p.42) “[...] nenhum artista, nenhum escritor, nenhum homem de estado, nenhum pensador nacional ou estrangeiro teve, em nosso país, projeção igual à desse mago da poesia.”

No outro lado do Atlântico, Machado de Assis (1839-1908) tornou-se um dos maiores nomes da nossa Literatura, seja escrevendo versos, peças, crítica literária e teatral, romances e contos. Grande estudioso acompanhou sempre com um olhar crítico as obras estrangeiras que chegavam ao porto fluminense, lendo-as e refletindo acerca de seu conteúdo. Com o passar dos anos, selecionou os autores de sua predileção, com eles estabelecendo ricos diálogos intertextuais, por meio de alusões, citações, pastiches e paródias. Um desses autores foi Victor Hugo, cuja obra foi fundamental na juventude de Machado, bem como em sua velhice e por razões muito diferentes. Apesar dessa importância, o nome do autor de *Les Misérables* quase não é evocado nos contos, romances e poemas machadianos; ele surge massivamente em suas crônicas. Explicar tal fenômeno é o objetivo deste artigo. Para tanto, foram consultadas as mais de seiscentas crônicas que Machado escreveu ao longo de quarenta anos de produção jornalística.

Machado de Assis revela conhecer a obra de Victor Hugo desde a adolescência: em 22 de dezembro de 1857, aos 16 anos, ele publica na *Marmota Fluminense* de Paula Brito o poema “A****” com uma epígrafe retirada do poema “À toi” do livro *Odes et Ballades* de 1828. Trata-se de um soneto em que o eu lírico declara seu amor pela donzela e suplica para ser correspondido. Na última estrofe, lê-se o apelo que se assemelha àquele feito no poema francês:

Vem; – dá-me o teu amor: careço dele
Como do sol a flor,
Reanima a cinza de meu peito morto,
Ai! dá-me o teu amor¹.

O eu lírico descreve o ardor de sua paixão e explica a impossibilidade de viver sem a mulher amada; sem ela, seu coração não tem vida; somente seu amor pode fazê-lo renascer. Da mesma forma, no poema hugoano escrito em 1821, encontra-se a expansão amorosa do eu lírico. Na décima estrofe, ele implora:

¹ Confira A**** (1857).

*Oh ! de ton doux sourire embellis-moi la vie !
Le plus grand des bonheurs est encor dans l'amour.
La lumière à jamais ne me fut point ravie ;
Viens, je suis dans la nuit, mais je puis voir le jour !* (HUGO,
1842, p.371).

Tanto no poema hugoano como naquele de Machado de Assis, o amor correspondido é a condição para se continuar vivo. Assim como as flores necessitam da luz do Sol, o eu lírico precisa daquele amor para sobreviver. Observa-se, da parte do então adolescente poeta fluminense, uma tentativa de estabelecer um diálogo com o já célebre vate francês: a epígrafe, como bem explica Genette (2010, p.14), representa a “citação colocada em enxergo”; como intertextualidade explícita, é a “presença efetiva de um texto em um outro”. Para Compagnon (1996), trata-se da “citação por excelência, a quintessência da citação”. Ela indica, por exemplo, quais foram as leituras feitas por Machado de Assis na sua adolescência, leituras estas que demonstram ter havido um estudo consciente e interessado em relação à prática poética.

Miasso (2016) aponta a presença de apenas mais uma epígrafe retirada de versos de Victor Hugo, desta vez na coletânea *Crisálidas*: em “Última folha”, tem-se uma citação extraída de “*Les Djinnns*”, o célebre poema das *Orientales*.

Como se vê, nos versos de Machado de Assis, a presença explícita de Victor Hugo é quase inexistente. Massa (1971), no entanto, é categórico ao afirmar ser possível reconhecer nos poemas escritos nessa fase, o “entusiasmo” despertado pelo autor de *Lucrèce Borgia*, bem como seus ideais missionários, os quais concebem o poeta como mago que deve guiar um povo. Eugênio Gomes (1949), que ainda compreende “presença” como “influência”, afirma ser possível observar vários elementos da obra hugoana nos poemas machadianos: para o crítico, as *Ocidentais* seriam uma réplica às *Orientales*, o poema *Abîme* teria inspirado *Círculo Vicioso* e *Le Satyre* seria a fonte de *Viver*. Romeiro (2021) discorda de Eugênio Gomes no que diz respeito às *Ocidentais*: para a pesquisadora, são as *Americanas* que dialogam com a renomada obra hugoana, tanto no que se refere às evidências românticas, quanto às referências poéticas explícitas.

Da mesma forma que ocorre em sua obra poética, Machado de Assis não faz uso de alusões ou citações à obra de Victor Hugo em seus contos. Gilberto Pinheiro Passos (2006) percebe um possível aproveitamento de “*Vieille chanson du jeune temps*” de *Les Contemplations* em “Missa do Galo”, mas não se encontram alusões ou citações em sua produção contística.

Em compensação, seus textos de crítica literária e teatral estão repletos de citações e alusões retiradas da obra hugoana. Para Massa (1971, p.213), no artigo *O Jornal e o Livro*, por exemplo, Machado de Assis teria elaborado “[...] uma síntese apaixonada, em que se misturam o pensamento de Pelletan e a eloquência de Hugo.”

Em “O Ideal do Crítico” escrito em 1865, o colaborador do *Diário do Rio de Janeiro* enumera as qualidades devidas aos responsáveis pela análise de obras literárias e os defeitos a serem evitados. Avalia ser indispensável a tolerância quanto “às diferenças de escola”, e a reflexão quanto aos critérios adotados, concluindo que sua admiração pelo *Cid* não o havia impedido de ver as belezas de *Ruy Blas* (ASSIS, 1953, p.16).

Em 1866, critica o poema épico “Colombo”, de Porto Alegre, condena os “macaqueadores” do autor de *Les Burgraves*, insistindo na importância, para o discípulo, de não apenas imitar o mestre, mas de “assimilar seu espírito”, e aprova o tema escolhido: “nenhum assunto oferece mais vasto campo à invenção poética”, citando uma passagem de *Littérature et Philosophie Mêlées*, publicado em 1834, na qual Victor Hugo homenageia o descobridor da América:

Quando Vítor Hugo, procurando a mão que há de empunhar neste século o archote do progresso, aponta aos olhos da Europa a mão da *eterna nação yankee*, como dizem os americanos, presta indiretamente uma homenagem à memória do grande homem que dotou o XV século com um dos feitos mais assombrosos da história. (ASSIS, 1953, p. 105).

Em “Instinto de Nacionalidade”, publicado em 1873, trata das tendências morais do então atual romance brasileiro, considerando-as “geralmente boas”. Afirma que a sua geração fora seduzida pelos nomes do período romântico e com eles se educara seu espírito: “os Vítor Hugos, os Gautiers, os Mussets, os Gozlan, os Nervals”. (ASSIS, 1953, p.139). No mesmo artigo, condena o abuso da antítese nos poemas nacionais, a qual considera uma cópia do autor de *Contemplations*, pois se a figura “[...] nas mãos do grande poeta produz grandes efeitos, não pode constituir objeto de imitação, nem sobretudo elemento de escola.” (ASSIS, 1953, p.144).

Seis anos depois, escreve “A Nova Geração”, artigo em que comenta as novas tendências da poesia, formada por um espírito “cheio de fervor e convicção”. Traça um panorama da literatura nacional e conclui estarem os dias do romantismo findos: os ideais preconizados por Chateaubriand e Mme. de Staël

eram considerados pelos moços com desdém, mas não havia propostas de novos caminhos. O crítico aconselha cautela aos mais jovens, condena o realismo (“a negação mesma do princípio da arte”) e cita uma frase do prefácio de *Cromwell*: “Um poeta, Victor Hugo, dirá que há um limite intranscendível entre a realidade, segundo a arte, e a realidade, segundo a natureza.” (ASSIS, 1953, p.188), advertindo não existir algo semelhante, contendo as definições a serem seguidas pela nova geração. Em seguida, trata da escola hugoísta, fundada por discípulos do escritor francês, à qual pertenceram Múcio Teixeira, Sílvio Romero, Tobias Barreto e Castro Alves, tendo, este último, encerrado o movimento. Admite ser a imitação do poeta das *Orientales* feita muita vez “não sem felicidade”, o que não ocorreria com os imitadores de Baudelaire, que utilizavam um tom “demasiado cru”. Como se vê, são várias as alusões ao criador de Jean Valjean, representante de uma geração que influenciaria várias outras por muitos anos.

Nas poucas cartas que Machado de Assis deixou, é possível identificar alguns comentários a seu respeito: na célebre resposta a José de Alencar acerca de Castro Alves em 20 de fevereiro de 1868, o autor de *A Mão e a Luva* retrata desse modo o aspirante a vate:

Achei um poeta original. O mal de nossa poesia contemporânea é ser copista - no dizer, nas ideias e nas imagens. [...] Se se adivinha que a sua escola é a de Vítor Hugo, não é porque o copie servilmente, mas porque uma índole irmã levou-o a preferir o poeta das *Orientais* ao poeta das *Meditações*. (ASSIS, 1953, p.24).

Em 28 de janeiro de 1901, José Veríssimo escreve de Nova Friburgo ao amigo fluminense e conta ter-se tornado assíduo frequentador da biblioteca da cidade, cujos livros fariam a Machado de Assis “vir água à boca”: uma coleção dos clássicos portugueses e dos *Grands écrivains de la France* e a “[...] edição em papel do Japão da edição nacional de Vítor Hugo, com ilustrações dos grandes pintores franceses.” (ASSIS, 1953, p.52). Em 21 de abril de 1902, centenário do nascimento do autor de *Hans d’Islande*, Machado cumprimenta Veríssimo pelo artigo “Apoteose de Vítor Hugo”.

Quanto aos romances, a presença do autor de *L’Année Terrible* é bastante discreta: quase não se encontram citações de sua obra, a não ser em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, no qual, segundo Eugênio Gomes (1949, p.117) em seu estudo “Uma influência francesa: Victor Hugo”, seria possível “[...] surpreender os efeitos mais significativos da influência hugoana sobre o grande escritor.” Para

o crítico, o capítulo do delírio conteria vários elementos caros ao autor de *L'Art d'être grand-père*: a terminologia, a expressão antitética, e a concepção filosófica da natureza. Em *Esau e Jacó*, segundo Gilberto Pinheiro Passos (1996), haveria referências ao tema napoleônico e a um poema de *Feuilles d'automne*. Como se pode observar, é muito pouco em comparação às crônicas escritas no mesmo período. Nos romances, a predominância de citações estava relacionada a autores como Voltaire, Pascal, Villon, entre outros.

Nas peças escritas por Machado de Assis há citações de La Fontaine, Musset, Buffon e alusões a Alphonse Karr e Bernardin de Saint-Pierre. Não se encontram, todavia, alusões ou citações que remetam à obra de Victor Hugo, nem tampouco marcas que reflitam seu estilo.

A presença hugoana se destaca, realmente, nas crônicas machadianas. Embora os dramaturgos em voga no século XIX fossem Dumas Fils, Feuillet, Barrière e Scribe; os romancistas Zola e Flaubert estivessem causando grande sensação na França na segunda metade do oitocentos e Baudelaire fosse tão discutido, o poeta de *Les Rayons et les Ombres* sobressai nos textos escritos para o jornal pelo escritor fluminense. São inúmeras citações, alusões a personagens, comentários a respeito dos poemas, romances, peças que indicam seu interesse pela obra de Victor Hugo.

Primeiramente, pode-se afirmar ser essa presença marcante: dentre as 200 citações francesas feitas por Machado de Assis nas mais de 600 crônicas que escreveu, 28 são de autoria do criador de Fantine. Para se ter uma noção do que isso representa, há cerca de 20 citações de autoria de Molière, dentre as quais, algumas se repetem por diversas vezes, e várias citações de La Fontaine, Musset, Corneille, Boileau, Voltaire e Racine. Há também alguns pensamentos retirados das obras de Mme. de Sévigné, Rabelais, Pascal e Montaigne e de outros escritores, políticos, autores de operetas e *vaudevilles*. Os números indicam, portanto, ter a leitura da obra do autor de *Claude Gueux* marcado o cronista, posto que esse cálculo não inclui as dezenas de alusões feitas ao escritor francês ou a suas personagens. Também não foram incluídas as citações hugoanas presentes nos volumes *Crítica Teatral* e *Crítica Literária*²; embora sejam comentadas superficialmente.

Como se pode verificar, o conjunto de tal presença é indicativo da necessidade de estabelecer um diálogo com esse poderoso influxo representado pela vasta produção hugoana.

² Confira Assis (1944, 1953).

A leitura das crônicas em que aparecem citações tiradas dos textos de Victor Hugo indica ter sido lida a obra do escritor francês de forma constante e interessada. Merece destaque a poesia, principalmente as *Orientales*, cujos versos são lembrados durante toda a longa carreira jornalística de Machado de Assis. É possível também verificar a existência de uma associação de ideias frequente: quando trata de atropelamentos por bondes, o cronista fluminense lembra-se de “*Pauca Mea*”; o tema da longevidade remete-o ao famoso poema “*Ce siècle avait deux ans*” das *Feuilles d’Automne* e, ao tratar de assuntos ligados à Grécia ou Constantinopla, quase sempre lhe vêm à mente versos das *Orientales*³.

Os famosos prefácios hugoanos que serviram a toda uma geração como leis a serem seguidas também não escaparam ao olhar atento do escritor fluminense, principalmente o de *Lucrece Borgia* e o de *Cromwell*. Algumas alusões demonstram a leitura de outras peças, como *Ruy Blas*, *Angelo* e *Hernani*⁴. Os romances hugoanos também são mencionados: em crônica de 15 de julho de 1877, refere-se a Javert, personagem dos *Misérables*; em 23 de junho de 1878, o colaborador do *Cruzeiro* refere-se a Quasímodo. Não foram encontradas referências, entretanto, aos romances posteriores, como *Quatrevingt-Treize* ou *L’Homme qui rit*⁵.

É necessário destacar que a presença da obra de Victor Hugo nas crônicas machadianas revela um olhar bastante crítico e até mesmo antropofágico (PERRONE-MOYSÉS, 1990). Machado não bebeu em fontes hugoanas de forma passiva, mas indicou sua independência em relação à obra do escritor francês, sobretudo a partir do decênio de 1870. Em crônica de 1º de setembro de 1878, por exemplo, publicada no *Cruzeiro*, sob o pseudônimo de Eleazar, lê-se:

Já agora acabarei com uma sombra do sol: um *calembour* de Vítor Hugo. Essa triste forma de espírito teve a honra de ser cultivada pelo grande poeta; e quando? e donde? em Paris, por ocasião do cerco. Di-lo o *Temps*, que tenho à vista; e basta ler a estrofe atribuída ao poeta, para ver que é dele mesmo: tem o seu jeito de versificação. Um dia, - diz o jornal, - que alguns ratos, apanhados nas casas vizinhas, deram elementos para um pastel, o poeta improvisou este *calembour* metrificado;

³ A análise completa dessas crônicas está em Callipo (2021).

⁴ Confira Hugo (1963).

⁵ Confira Hugo (1971).

O mesdames les hetaïres,
À vos dépens je me nourris;
Moi, qui mourais de vos sourires,
Je dois vivre de vos souris.

Cai-me a pena das mãos.⁶

No periódico *Le Temps* de 04 de agosto daquele mesmo ano de 1878, a quadra hugoana é mencionada na “*Chronique*” daquele dia, assinada por Carpeaux. O articulista comenta a então recente publicação do livro de Gustavo Rivet, *Victor Hugo chez lui*, e elogia a iniciativa do autor de contar para o público a vida íntima do grande poeta. Repleto de anedotas, o volume traz trechos inéditos de Hugo, dentre os quais o *calembour* comentado por Machado. É curioso observar que, no jornal francês, assim como no livro de Rivet, há uma pequena diferença no último verso, pois em ambos lê-se: “*Je vais vivre de vos souris*”⁷ e não “*Je dois vivre de vous souris*”, como na crônica machadiana. A alteração feita pelo cronista brasileiro não prejudica a métrica, mas modifica o sentido da quadra hugoana: de “eu *vou* viver de vossos ratos”, passa-se a “eu *devo* viver de vossos ratos”. Importante, porém, é notar a reação do cronista brasileiro diante do jogo de palavras do escritor septuagenário: por que motivo escreve ele “cai-me a pena das mãos”? Por causa do trocadilho de mau gosto? Devido ao seu conteúdo malicioso? Ou graças ao cardápio digerido? No jornal *Le Temps* e no livro de Rivet não há qualquer menção ao gosto duvidoso da quadra, feita durante o cerco prussiano, momento da história francesa em que não havia comida suficiente para a população⁸. Ao contrário, o autor de *Victor Hugo chez lui* menciona o fato de que o poeta, para alegrar sua família durante as refeições, esquecia, por um momento, suas preocupações políticas e os itens exóticos do cardápio, para presentear a todos com essas quadras improvisadas:

O riso não estava banido dos jantares do poeta e, muitas vezes, os pratos serviam de alvo a suas provocações. Ele improvisava um dístico, uma quadra e,

⁶ Confira Eleazar (1878).

⁷ Confira Carpeaux (1878, p.2).

⁸ O mesmo *calembour* está em *Choses vues*, de Victor Hugo, publicado postumamente em 1887, no qual se lê: “*Hier, j’ai mangé du rat, et j’ai eu pour hoquet ce quatrain:*

*O mesdames les bétaires,
Dans vos greniers je me nourris;
Moi qui mourais de vos sourires,
Je vais vivre de vos souris.*” (HUGO, 1972, p. 596).

Doce leite romântico: a presença de Victor Hugo nas crônicas de Machado de Assis sem desmerecer a cozinha, essa poesia espirituosa ou gaulesa era um precioso ensopado que se acrescentava ao cardápio. (RIVET, 1878, p. 148, tradução nossa)⁹.

Da mesma forma, o *Temps* menciona o **charme** dessas anedotas colhidas no coração da família de Victor Hugo. O estranhamento, portanto, parte do cronista brasileiro, que deixa a pena cair-lhe das mãos diante da quadra hugoana. Faz-se necessário pontuar a forma como Machado se refere a Hugo: “grande poeta” e o conhecimento que tem de sua obra poética: “[a estrofe] é dele mesmo: tem o seu jeito de versificação”. Tais comentários demonstram o apreço do autor de *Americanas* pelo escritor francês e indicam uma leitura atenta de sua obra poética. O que deve tê-lo deixado perplexo, portanto foi o trocadilho de mau gosto e o cardápio indigesto.

A postura de Machado revela um posicionamento crítico em relação a Victor Hugo: até mesmo o “grande poeta” pode ter maus momentos.

Como explicar, então, as inúmeras citações retiradas da obra do escritor francês? De que modo devem ser analisadas as relações estabelecidas com os versos românticos do criador de “*Sara la baigneuse*”? Acredito que a resposta esteja na sua juventude, em um tempo de sua vida que está irremediavelmente ligado ao Romantismo de Victor Hugo, Gonçalves Dias e Byron.

Em 24 de novembro de 1883, por exemplo, o cronista, sob o pseudônimo de “Lélio” confessa ter ainda “um resto de costela romântica”. Em 10 de janeiro de 1884, revela sentir uma “certa sensação profunda e saudosa”, ao tratar das memórias do diplomata Vasconcelos de Drummond:

[...] sempre lhes direi, aqui que ninguém nos ouve: o conselho de ministros no paço, as palavras de José Bonifácio ao Bregaro; a volta de D. Pedro depois de declarar a independência; a gente que correu à São Cristóvão; a imperatriz que, não tendo mais fitas verdes para fazer laços, fê-los com as do próprio travesseiro; D. Pedro, um rapaz de 24 anos, impetuoso e ardente; José Bonifácio, grave e forte, e, quando preciso, alegre; a gente que encheu à noite o teatro; as senhoras de laço verde ao peito; toda essa nossa aurora dá-me uma certa sensação profunda e saudosa, que não encontro... onde? no nariz do leitor, por exemplo. (ASSIS, [19-], p. 42).

⁹ No original, lê-se: “*Le rire n'était pas banni des dîners du poète et souvent les plats eux-mêmes servaient de cible à ses railleries. Il improvisait un distique, un quatrain et sans médire de la cuisine, c'était un précieux ragoût ajouté au menu, que cette poésie spirituelle ou gauloise.*” (RIVET, 1878, p. 148).

Em 1892, o cronista explica essa sensação: ele fora criado em meio ao romantismo e, dificilmente, poderia adaptar-se aos novos parâmetros:

Gente que mamou leite romântico, pode meter o dente no rosbife naturalista; mas em lhe cheirando a teta gótica e oriental, deixa o melhor pedaço de carne para correr à bebida da infância. Oh! meu doce leite romântico! [...] Cinco odaliscas ... Parei; lidas essas primeiras palavras, senti-me necessitado de tomar fôlego. [...] Todas as *orientais* de Hugo vieram chover sobre mim as suas rimas de ouro e sândalo. (ASSIS, 1962, vol.1, p. 194, grifo do autor).

Opinião compartilhada por seus amigos. Em carta datada de 1895, Salvador de Mendonça indigna-se com o novo aspecto do Rio de Janeiro, repleto de “intrusos” e lembra com saudade dos “bons tempos”:

No meio da gente nova que enche a nossa velha cidade, já em 1891 tive a impressão, não de que era eu estranho, mas de que era essa gente um bando de intrusos. Que direito têm eles de encher-nos as ruas? O que sabem eles do nosso Rio de Janeiro dos bons tempos? Não sabem nem o que foi o Paula Brito, nem a Petalógica, nem o Bacharel Gonçalves e o Herculano[...] Gente que não foi desses dias não tem para mim o direito de nos atrapalhar o caminho, a nós, veteranos dessas campanhas. (ASSIS, 1953, p. 336).

Machado de Assis lhe dá razão:

Este Rio de Janeiro de hoje é tão outro do que era, que parece antes, salvo o número de pessoas, uma cidade de exposição universal. Cada dia espero que os adventícios saiam; mas eles aumentam, como se quisessem por fora os verdadeiros e antigos habitantes. (ASSIS, 1953, p. 338).

E em janeiro de 1902, escreve a Joaquim Nabuco: “o passado é ainda a melhor parte do presente” (ASSIS, 1953, p. 58).

Para Bosi (2004, p.15), essa opinião é reiterada nas páginas da *Semana*, escritas no decênio de 1890: o cronista veria “poesia e beleza nas formas plasmadas do passado”, abstraindo a “violência daqueles tempos”.

Tais comentários parecem demonstrar que a juventude de Machado de Assis estava intrinsecamente ligada ao romantismo e, por consequência, a Victor Hugo. Quando algum fato político ou histórico o fazia recordar o passado, evocava um

dos autores preferidos de sua mocidade para ajudá-lo a recompor suas lembranças; talvez, para libertar o Machadinho esquecido (ou contido) em meio à papelada referente à “última quinzena do trimestre adicional” da Secretaria da Agricultura. O funcionário público, autor discreto e ponderado, dava lugar ao idealista romântico, impetuoso, galante, divertido, nem que fosse por um breve instante:

Por um momento, ele considera o ideal, e o contexto de seu próprio país: por um breve momento, o idealismo e o otimismo, que ele abandonara muitos anos atrás, mostram de novo sua face, para apenas confessar sua duvidosa pretensão a uma existência sólida. (GLEDSON, 2003, p. 183).

Esta crônica, escrita em 27 de maio de 1894, acentua a ligação estabelecida entre juventude - poesia - oriente - romantismo:

Morreu um árabe, morador na rua do Senhor dos Passos. Não há que dizer a isto; os árabes morrem e a rua do Senhor dos Passos existe. Mas o que vos parece nada, por não conhecerdes sequer esse árabe falecido, foi mais um golpe nas minhas reminiscências românticas. Nunca desliguei o árabe destas três cousas: deserto, cavalo e tenda. Que importa houvesse uma civilização árabe, com alcaides e bibliotecas? Não falo da civilização, falo do romantismo, que alguma vez tratou do árabe civilizado, mas com tal aspecto, que a imaginação não chegava a desmembrar dele a tenda e o cavalo. Quando eu cheguei à vida, já o romantismo se despedia dela. [...] Já então Gonçalves Dias havia publicado todos os seus livros. Não confundam este Gonçalves Dias com a rua do mesmo nome; era um homem do Maranhão, que fazia versos. (ASSIS, 1962, p. 101).

O cronista ironiza a ignorância literária de seus leitores em relação a Gonçalves Dias; em seguida, comenta os nomes de dois deputados: Lamartine e Chateaubriand e conclui ser um “vestígio de romantismo”. Os “portadores daqueles dois nomes”, entretanto, eram apenas políticos: os nomes escolhidos por seus pais, “não bastaram para dar aos filhos idealidades poéticas”.

Volta a tratar do árabe falecido, e confessa estar aborrecido com a declaração de ser ele casado: Assef deveria ter tido quatro mulheres, como marca o Alcorão, e não apenas uma: “Dar-se-á que esse homem tenha sido tão corrompido pela monogamia cristã, que chegasse ao ponto de ir contra o preceito de Mafoma? Eis aí outra restrição ao meu árabe romântico.” (ASSIS, 1962, p.105). O “pobre

árabe” havia trocado o deserto pela rua do Senhor dos Passos, “cujo nome lembra aqueles religionários, em quem seus avós deram e de quem receberam muita cutilada”, e morreu de febre amarela, “uma epidemia exausta à força de civilização ocidental”. O cronista conclui:

Miserável romantismo, assim te vais aos pedaços. A anemia tirou-te a pouca vida que te restava, a corrupção não consente sequer que fiquem os teus ossos para memória. Adeus, Árabes! adeus, tendas! adeus, deserto! Cimitarras, adeus! adeus! (ASSIS, 1962, vol. 2, p.107).

No final do século, Machado de Assis vê a chegada de uma nova era à qual parece não se adaptar. Victor Hugo transporta-o para uma época de “ousadia”, representada pela “intenção de reproduzir a verdade”, quando ele acreditava poder reclamar dos atos do governo, educar pelo teatro, cobrar promessas da câmara municipal. O cronista não resiste às memórias de um outro tempo: “[...] mas é que há certas memórias que são como pedaços da gente, em que não podemos tocar sem algum gozo e dor, mistura de que se fazem saudades.” (ASSIS, 1962, vol. 3, p. 281).

Nas lembranças de seu passado, misturam-se o Alcazar e Mlle. Aimée, Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo, D. Pedro I e D. Pedro II, Lamartine, Musset e Victor Hugo. Dessas lembranças, faz parte um grupo de jovens intelectuais ávidos em construir uma literatura nacional, educar o povo pela arte, civilizar a sociedade. Por isso, as saudades:

A memória tem o poder subversivo de fazer subsistir a associação, reordenando o passado pessoal, pátrio ou artístico. O caráter possivelmente negativo das coisas pretéritas (não existem mais) se desfaz, porque ao existido se acrescenta o dado novo da rememoração agindo sobre o presente. (PASSOS, 1996, p. 161).

Machado de Assis leu a obra de Victor Hugo, admirou-a, memorizou-a e, quando jovem, tentou seguir as teorias do autor do prefácio de *Cromwell*. Essa admiração, entretanto, nunca foi cega. Ele condenou os excessos da escola hugoísta liderada por Sílvio Romero, escola esta “[...] que buscava os efeitos em certos meios puramente mecânicos [...]” e aconselhou a evitar aquele condor que, “[...] à força de voar em tantas estrofes, há doze anos, acabou por cair no chão, onde foi apanhado e empalhado.” (ASSIS, 1953, p.239). Igualmente,

soube olhar para o autor de *Les Contemplations* de forma crítica, retirando de sua obra somente os aspectos que poderiam beneficiar o seu amadurecimento como escritor. Nunca procurou imitá-lo e chegou a condenar “[...] os macaqueadores de Victor Hugo, que julgam ter entrado na família do poeta, só com lhe reproduzir a antítese e a pompa da versificação. O discípulo é outra coisa: embebe-se na lição do mestre, assimila ao seu espírito o espírito do modelo.” (ASSIS, 1953, p.119). Evidentemente, “os macaqueadores de Victor Hugo” nada mais faziam, além de seguir as tendências de uma época na qual se buscava criar uma identidade nacional e a França era vista como um pólo irradiador de cultura: “A imitação pode também revelar, explicar literariamente, portanto, fenômenos históricos, como o do domínio político e da dependência cultural.” (MACHADO; PAGEAUX, 1988, p.99).

No caso de Machado de Assis, a visão do Outro sempre foi permeada de um olhar crítico; a presença estrangeira passou a ser utilizada em benefício de seu próprio texto, ele buscou “transformá-la e integrá-la em seus próprios valores” (DAMATO, 1996, p. 276). O colaborador da *Gazeta de Notícias* possuía uma visão bastante criteriosa da França e de seus escritores e, soube, como poucos, colocá-los à mercê de seu discurso. Recriando as citações, dispondo-as conforme sua vontade, apropriou-se delas, ilustrando a história de seu país por meio de textos estrangeiros e propondo uma literatura nacional que aceitasse o elemento externo de maneira consciente, estabelecendo com ele trocas e empréstimos, deturpando-o numerosas vezes, com a intenção clara de aproveitar somente o que lhe interessava. (PERRONE MOISÉS, 1990, p.96). Houve, portanto, uma seleção baseada em um conhecimento amplo da cultura francesa, de acordo com as tendências da época, mas também com escolhas pessoais, denotadoras de independência em suas leituras.

A presença de Victor Hugo nas crônicas de Machado de Assis parece revelar, portanto, não a influência do poeta francês na obra do escritor brasileiro, mas o estabelecimento de uma prática intertextual sempre renovadora. Nessa prática, o caráter grandiloquente do autor de *L'Année Terrible*, cede lugar ao tom predominantemente humorístico dos textos jornalísticos, ocorrendo, assim, uma dessacralização da obra hugoana. Além disso, a passagem de um veículo a outro, ou seja, do livro ao jornal, permite ao texto citado ou parodiado ganhar em amplitude de atuação, porque guarda elementos de sua origem e a eles se acresce.

Na crônica, Machado de Assis, não tem a pretensão de ser historiador e sim um “contador de histórias”: “O historiador foi inventado por ti, homem

culto, letrado, humanista; o contador de histórias foi inventado pelo povo, que nunca leu Tito Lívio, e entende que contar o que se passou é só fantasiar.” (ASSIS, 1959, p.362). Ele busca ressaltar evidências, criticar excessos, lamentar injustiças e analisar idiossincrasias, valendo-se de todos os dados de que dispõe para prender a atenção do leitor e configurar um estilo, cuja força - à moda de Alencar, por exemplo - reside na rapidez do traço e do raciocínio e no acicate da comparação.

As condições de recepção do público de jornal pressupõem a facilidade de compreensão e a relação mais ou menos estreita com a cultura da época, que será manipulada pelo cronista interessado em comentar os fatos, mas também em divertir o leitor. Victor Hugo surge, então, como um imenso repositório de frases, personagens e situações que, além de serem tributárias do sucesso, pertenciam à maior figura literária do século XIX na França.

Matizar tal repertório, inserindo-o em outro texto/contexto é a marca registrada do cronista, que sabe dar ao seu espaço no jornal, o verniz da citação e, ao mesmo tempo, consegue impor a Victor Hugo e sua obra uma dimensão “brasileira”.

Ao leitor, cabe percorrer o caminho indicado pelas citações, até chegar à sua fonte: ela indica haver várias camadas no texto, todas elas importantes para sua profunda compreensão.

O poeta das *Orientales* está vinculado à juventude de Machado de Assis, aos poetas românticos de 1830, como se pode ler na crônica de 21 de fevereiro de 1897, publicada na *Gazeta de Notícias*. Ao comentar as agitações que aconteciam na ilha de Creta, ele relembra:

Eu quisera, entretanto, ver partir daqui, rua do Ouvidor abaixo, uma falange bradando para ser entendida da terra os versos de Hugo: *En Grèce! en Grèce!* Lembras-te, não? Se és do meu tempo não esqueceste que tu e eu, quando expeitorávamos os primeiros versos que os rapazes trazem consigo, as Orientais contavam já trinta anos e mais. Mas era por elas que ainda aprendíamos poesia. Trazíamos de cor as páginas contemporâneas da revolução helênica, e do bravo Canaris, queimador de navios, e da batalha de Navarino, e da marcha turca, e de toda aquela ressurreição de um país meio antigo, meio cristão. *En Grèce!* cantava o poeta, pedindo que lhe selassem o cavalo e lhe dessem a espada, que queria partir já, já, contra os turcos; mas a lira mudava subitamente de tom e o poeta perguntava a si mesmo quem era ele. Confessava então não ser mais que uma folha que o vento leva, nem amar outra coisa mais que as estrelas

Doce leite romântico: a presença de Victor Hugo nas crônicas de Machado de Assis e a lua. Tão pouca coisa não era nos demais versos em que cantava os heróis gregos, mas Hugo lembrava-se de Byron ...¹⁰

Nessa crônica, tem-se a revelação de que Machado aprendeu a fazer poesia lendo e estudando as *Orientais* de Victor Hugo. Mesmo que sejam tomados os devidos cuidados em relação ao cronista, pois não se pode confundir **autor** e **cronista**, a frequência com que os versos hugoanos se manifestam nos textos jornalísticos de Machado, sobretudo aqueles das *Orientais*, permite que se faça a afirmação acima e ajuda a compreender a quase ausência de Victor Hugo nos romances e contos do escritor brasileiro. Nas obras de sua maturidade, o autor de *Memorial de Aires* buscou afastar-se das escolas já ultrapassadas e citar, preferencialmente, escritores clássicos. Construiu de forma meticulosa a imagem que gostaria de perenizar: aquela do literato de fina ironia, erudição incontestada, humor elegante e estudo profundo dos caracteres.

Por isso, a presença hugoana nas crônicas. Feitas para serem esquecidas no dia seguinte àquele da publicação, elaboradas “ao correr da pena”, assinadas com pseudônimos, podem ser o campo do experimento, da ousadia, do pensamento livre e sem amarras. Ao utilizar, por exemplo, o pseudônimo “Lélio dos Anzóis Carapuça” - cujo nome pode representar uma personagem da *comedia dell'arte* conhecida pelas trapalhadas e pelo coração generoso, um “[...] *jeune désœuvré capable de tout et, pourtant, l'un des plus sympathiques personnages de comédie.*” (LAFFONT, 1960, p. 590-591) - o cronista pode atacar o governo, ridicularizar escritores renomados, despedir-se do leitor com insultos, mandando-o para “o diabo que o carregue”. Em “A Semana”, ele tem o anonimato total. Nessa série, ressurge com força a presença do ícone do romantismo na França e com ele, o impetuoso colaborador da *Gazeta* - tão diferente do “escritor oficial do Estado” - estabelece um diálogo permeado de versos, zombaria e lembranças.

Parece inegável a importância adquirida pelo autor das *Feuilles d'Automne* na formação intelectual do cronista brasileiro, que o colocou, no poema “1802-1885”, no mesmo nível de escritores clássicos como Molière, Boileau, Racine e La Fontaine e o inseriu no domínio da tradição, reconhecendo-lhe a genialidade e tornando possível, desse modo, o estabelecimento de certo processo intertextual (PASSOS, 1996).

Além disso, ele representava para Machado uma viagem em direção ao passado romântico, à sua juventude liberal, aos seus ideais sufocados pela burocracia e pelo *struggle for life*.

¹⁰ Confira *Gazeta de Notícias* (1897, p. 01).

Protegido pelo pseudônimo de Sileno, Gil, Lélío, Boas Noites, bastava-lhe uma boa razão para fazer calar o comedido, discreto, aristocrático, recitado Machado de Assis, mesmo por um breve instante. Essa boa razão - que podia ser um presente do sultão ao papa, uma guerra civil, a imundície das ruas, uma jovem que não era espanhola, o desligamento de um tenor de sua *troupe* - fazia-o ressurgir e, algumas vezes, indignar-se; outras, emocionar-se.

Escondido sob as barbas brancas e o *pince-nez* do respeitado autor de *Dom Casmurro*, estava Machadinho, o rapaz que sonhou com um teatro nacional, disse impróprios aos políticos, encantou-se com os livros trazidos pelo paquete, envolveu-se em polêmicas, memorizou as *Orientales*, estudou as *Orientales* e aprendeu a fazer versos com as *Orientales*.

ROMANTIC CAMELIZED MILK: THE PRESENCE OF VICTOR HUGO IN THE CHRONICLES OF MACHADO DE ASSIS

ABSTRACT: *Victor Hugo was the author most cited by Machado de Assis in his chronicles and was of great importance in the construction of his cultural heritage, leaving deep marks in his work. The author of Dom Casmurro read the work of Victor Hugo, admired it, memorized it, and, as a young man, tried to follow the ideals of the French poet. This admiration, however, was never blind, as he condemned the excesses of the Hugoist school led by Silvio Romero, as well as some texts in bad taste published by the creator of Quasimodo. Likewise, he knew how to look at Victor Hugo with a critical eye, removing from his work only those aspects that could benefit his maturity as a writer. In the case of Machado de Assis, the vision of the Other was always permeated with a critical eye; the foreign presence started to be used for the benefit of its own text, thanks to the establishment of a renewing intertextual practice. It is curious to observe that the massive presence of Victor Hugo in Machado's chronicles contrasts with a shy or almost non-existent presence in his short stories, poems, plays, and novels. This article intends to establish a hypothesis for such a contrast through the analysis of journalistic texts published by Machado de Assis.*

KEYWORDS: *Machado de Assis Chronicle. Victor Hugo. Romanticism.*

REFERÊNCIAS

- A****. **Marmota Fluminense**. Rio de Janeiro, dez.1857. p. 02.
- ASSIS, J. M. M. de. **Crônicas**. Rio de Janeiro: Jackson, 1962.
- ASSIS, J. M. M. de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1959.
- ASSIS, J. M. M. de. **Crítica Literária**. Rio de Janeiro: Jackson, 1953.

- ASSIS, J. M. M. de. **Crítica Teatral**. Rio de Janeiro: M. Jackson Inc. Editores, 1944. v.30.
- ASSIS, J. M. M. de. **Crônicas de Lélío**. Organização de R. Magalhães Jr. Rio de Janeiro: Ediouro, [19-]. Coleção Prestígio.
- BOSI, A. **O Teatro Político nas Crônicas de Machado de Assis**. São Paulo: IEA, 2004. (Série Literatura, 1).
- CALLIPO, D. **Rimas de ouro e sândalo**: presença de Victor Hugo nas crônicas de Machado de Assis. São Paulo: Ed. Unesp, 2010.
- CARPEAUX. Chronique, **Le Temps**, Paris, ago.1878. p. 2-3.
- COMPAGNON, A. **O trabalho da citação**. Tradução de Cleonice P.B. Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.
- DAMATO, D. B. **Edouard Glissant**: Poética e Política. São Paulo: Anablume, 1996.
- ELEAZAR. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, set.1878. Notas semanais, p. 01.
- GAZETA de Notícias, fev.1897. A semana, p. 01.
- GENETTE, G. **Palimpsestos**. A literatura de segunda mão. Tradução de Cibele Braga et al. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010.
- GLEDSON, J. **Machado de Assis**: ficção e história. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- GOMES, E. **Espelho contra espelho**. São Paulo: IPE, 1949.
- HUGO, V. **Choses Vues**. Paris: Gallimard, 1972.
- HUGO, V. **Œuvres romanesques complètes**. Paris : Livre club Diderot, 1971.
- HUGO, V. **Théâtre complet**. Préface par Roland Purnal, édition établie et annotée par J.-J. Thierry et Josette Méléze. Paris : Gallimard, 1963.
- HUGO, V. **Oeuvres de Victor Hugo**. Bruxelles: Société Typographique Belge, 1842. t.2.
- LAFFONT, R. **Dictionnaire des Personnages de tous les temps et de tous les pays**. Paris: R. Laffont, 1960.
- LEÃO, A. C. **Victor Hugo no Brasil**. Rio de Janeiro: J. Olympio,1960.
- MACHADO, A.M.; PAGEAUX, D. H. **Da literatura comparada à teoria da literatura**. Lisboa: Edições 70, 1988.
- MASSA, J.-M. **A juventude de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/ Conselho Nacional de Cultura, 1971.

Daniela Mantarro Callipo

MIASSO, A. L. do N. **Epígrafes e diálogos na poesia de Machado de Assis**. 2016. 433 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Literatura)- Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

PASSOS, G. P. **Cintilações Francesas. Revista da Sociedade Filomática, Machado de Assis e José de Alencar**. São Paulo: Nankin Editorial, 2006.

PASSOS, G. P. **As Sugestões do Conselheiro. A França em Machado de Assis. Esaú e Jacó e Memorial de Aires**. São Paulo: Ática, 1996.

PERRONE-MOISÉS, L. Literatura comparada, intertexto e antropofagia. In: PERRONE-MOISÉS, L. **Flores da escrivaniinha**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.91-92.

RIVET, G. **Victor Hugo chez lui**. Paris: M. Dreyfous, 1878.

ROMEIRO, G. de F. **Alteridade e fuga romântica: Um estudo comparativo sobre o Brasil selvagem em Americanas, de Machado de Assis, e o exotismo em Les Orientales, de Victor Hugo**. 2021. 110f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2021.

